

M. Justino –  
Maciel\*  
féider  
Cominho\*\*

A utilização dos mármore em Portugal  
na época Romana

---

\* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

\*\* Universidade do Algarve.



# A utilização dos mármore em Portugal na época Romana

*Ensaio de uma metodologia de estudo*<sup>1</sup>

Por Maciel M. Justino e Helder Coutinho

Como diria Plínio-o-Velho, não deveríamos falar dos mármore sem antes nos referirmos aos escultores e arquitectos que neles manifestaram a sua Arte<sup>4</sup>. Mas é um facto que nem sempre as obras de arquitectura, escultura e decoração que nos chegaram da Antiguidade nos permitem uma identificação de autores ou um enquadramento social dos artistas que as produziram. Por isso, uma análise dos materiais utilizados será, com certeza, um ponto de partida fundamental para o conhecimento dessas mesmas obras.

Mesmo assim, a frase de Plínio dá-nos bem conta da dialéctica entre a matéria e a forma, entre o objecto artístico e o seu criador. Os mármore são, sobretudo a partir da produção arquitectónica arcaica grega, os materiais nobres dos templos e a sua procura leva à exploração das melhores pedreiras, elegendo-se e localizando-se progressivamente os melhores mármore branco para a estatuária. Assim se exploraram os célebres mármore da ilha de Paros, nas Cidades.

Em Itália, inicia-se na segunda metade do séc. I a.C. a grande exploração do mármore de Luna ou de Carrara, branco e de grão fino, de que nos falamos também Plínio<sup>3</sup> e Estrabão<sup>4</sup>, exploração essa que vai marcar o início da marmorização de Roma, como o testemunha Suetónio<sup>5</sup>.

A romanização das províncias, aplicando nestas os modelos da capital do Império, vai levar também à utilização dos mármore nos monumentos públicos, designadamente templos, *fora*, teatros e *balnea*, decorando-os com esculturas, capitéis e entablamentos no mesmo material. As *Naues Lapidariae* de que, no séc. I d.C, nos fala Petrónio<sup>6</sup>, assim como outros autores, transportavam os blocos de mármore em bruto ou já trabalhados para vários portos do Império e o sentido pragmático dos romanos levava-os a procurarem nos locais onde se fixaram as pedreiras ou *lapicidinae* que lhes fornecessem as melhores rochas ornamentais.

Não possuímos grandes referências literárias sobre os mármore da Península Ibérica na Antiguidade. Plínio fala-nos das pedras existentes na Hispânia, como da magnetite, na Cantábria<sup>7</sup>, da pedra com veios espalmados, na região de Munda, onde César venceu

<sup>1</sup> Texto apresentado e desenvolvido em 28 de Abril de 1990, no II Colóquio de Arqueologia de Viseu, não constando das Actas porque só foi possível publicar os textos directamente respeitantes a essa região.

<sup>2</sup> *Nat Hist*, XXXVI, 8.

<sup>3</sup> *Idem*, XXXVI, 14 e 48.

<sup>4</sup> *Geog.*, V, 222.

<sup>5</sup> *Aug.*, 28.

<sup>6</sup> *Sat.*, 117, 12.

<sup>7</sup> *Nat Hist*, XXXIV, 148 e XXXVI, 127.

<sup>8</sup> *idem*, XXXVI, 134.

<sup>9</sup> *idem*, XXXVI, 160.

Pompeu<sup>8</sup>, da *lapis specularis* ou selenite, para janelas, das região de Segóbriga<sup>9</sup>, da obsidiária, na costa atlântica<sup>10</sup> e da pedra de amolar, que conheceu em *Laminium*, na *Hispania Citerior*, onde desempenhou funções de procurador financeiro<sup>11</sup>. Todavia, quanto aos calcários cristalinos, apenas nos diz que na Península havia pedreiras de mármore<sup>1</sup> e nada nos refere sobre a sua importância e utilização. No entanto, já *Emérita Augusta* resplandecia com mármore dos *agri* de Estremoz/Vila Viçosa e de outras zonas da Lusitânia quando Plínio-o-Velho andou pela Espanha e escreveu a sua obra.

Uma boa referenciação destes materiais é também um bom ponto de partida para o estudo aprofundado das artes romanas, dado que, em grande parte, a marmorização de uma cidade romana nos atesta a sua subida de estatuto político-social, o seu enriquecimento económico e a sua maior aproximação dos modelos do centro do Império. O estudo da escultura, sobretudo dos retratos imperiais, dos sarcófagos e da estatuária religiosa não se contenta já hoje com a simples descrição do mármore em que estão lavrados e com o lançamento de hipóteses sobre a sua origem. Exige uma análise petrográfica que tire as dúvidas quanto à tipologia e local de extracção das rochas, dando ao especialista a segurança de que necessita para apresentar leituras, fundamentar interpretações, localizar escolas e determinar proveniências.

É a consciência desta necessidade que faz com que assistamos hoje a um florescer de estudos sobre a exploração, transporte, utilização e análise dos mármore da Época Clássica e da Antiguidade Tardia, com reuniões e publicações que vêm ao encontro de uma preocupação em motivar, também entre nós, o aparecimento de novos projectos de investigação e a criação de mecanismos que permitam facilitar a análise laboratorial dos mármore que nos surgem na escultura e arquitectura romanas.

O processo de romanização na Hispania passou também pela exploração de pedreiras de calcário cristalino, como as de Macael (Almería), na Tarraconense, as de Estremoz/Vila Viçosa (Évora) e Alconera (Badajoz), na Lusitânia, e as de Almadén de la Plata (Sevilha), na Bética<sup>15</sup>.

Embora, por vezes, se recorresse a mármore de proveniência longínqua, quer no contexto da arquitectura pública, quer no contexto privado, e neste sobretudo na decoração dos interiores, nas colecções particulares de retratos imperiais e na decoração funerária, a maioria das rochas ornamentais eram procuradas, por razões óbvias, nos territórios mais próximos. No *Conuentus Pacensis*, por exemplo, tomando como referência os monumentos epigráficos, o calcário predominou, como matéria prima, na parte Sul, hoje correspondente ao Algarve; os "mármore" de Trigaches e de São Brissos, na zona central do *Conuentus*; o xisto, a sudoeste; o mármore branco de Estremoz/Vila Viçosa, a Norte e Noroeste, incluindo Tróia de Setúbal; e o granito, no extremo Nordeste<sup>14</sup>.

Conímbriga, no *Conuentus Scalabitanus*, é, actualmente, o conjunto monumental melhor estudado com a indicação dos tipos de mármore e outras rochas ornamentais que aí se utilizaram

<sup>0</sup> *Idem*, XXXVI, 197.

<sup>1</sup> *idem*, XXXVI, 165.

<sup>2</sup> *idem*, III, 30.

<sup>8</sup> A. M. Canto, *Avances sobre la explotación del mármol en la España romana*, in *Archivo Español de Arqueología* (Madrid) 50-51 (1977-1978) 171.

<sup>14</sup> J. d'Encarnação, *Inscrições romanas do Conuentus Pacensis*, Coimbra, 1984, pp. 821-822.

na Antiguidade. Também aqui dominam os mármore lusitanos de Estremoz/ Vila Viçosa, designadamente de Pardais e de Rio de Moinhos<sup>15</sup>. Conjugados estes dados com os fornecidos pelo mapa elaborado por José d'Encarnação para o *Conuentus Pacensis*<sup>16</sup> e os tipos de mármore utilizados em *Emérita Augusta*<sup>17</sup>, imediatamente nos damos conta da importância das *lapicidinae* da região de Estremoz logo a partir dos finais do séc. I. a.C. para toda a Lusitânia. É possível ainda hoje testemunhar algumas marcas destas explorações e um estudo do terreno poderá trazer ainda novidades para o entendimento dos processos de extracção nas antigas pedreiras romanas.

Mármore importados, também os há. Não raro se observam restos de *opus sectile* em *Villae* do Sul de Portugal que não parecem enquadrar-se nas tipologias geológicas hispânicas. Em Conímbriga foi identificado mármore vermelho da Grécia e verde antigo, este não propriamente mármore, também da Grécia. Mas é sobretudo na estatuária que a importação destas rochas predominou, embora nos seja difícil a sua identificação sem a análise petrográfica e química que se impõe. O estudo destas rochas responde não apenas às questões sobre a sua proveniência e rotas de transporte como também, o que a nós mais interessa, às questões sobre as origens, as escolas, as oficinas e a produção da obra de arte. Designadamente retratos imperiais, estátuas de divindades e sarcófagos romanos encontrados em Portugal, em mármore branco, necessitam de ser analisados para se poder avançar na investigação, como vimos sublinhando. A geologia arqueológica e a geoquímica, as análises de isótopo estável, a xeroradiografia e a difractometria, a espectroscopia e a análise de emissão atómica são processos de estudo actualmente em curso sobre monumentos da Antiguidade lavrados em mármore e que progressivamente também se vão instaurando em Portugal,

A análise isotópica, não sendo um método perfeito, é extremamente útil para uma boa identificação dos mármore branco, sobretudo quando há vários monumentos, estátuas ou sarcófagos que permitam uma leitura estatística. Este tipo de análise, aplicado aos sarcófagos romanos do British Museum, levou a conclusões novas sobre proveniências e mesmo oficinas<sup>18</sup>. Idêntico estudo sobre elementos arquitectónicos, esculturas e frisos do Mausoléu de Halicarnasso trouxe dados até então desconhecidos sobre a variada origem dos seus mármore, chegando mesmo a verificar-se existirem peças esculpidas em mais de três espécies diferentes de mármore. Com efeito, sempre se pensou que o calcário utilizado no Mausoléu de Halicarnasso era o mármore pentélico. Afinal, havia mármore de Paros, da Frigia e de Aphion...<sup>19</sup>

Dão-se, agora, os primeiros passos, em Portugal, no sentido de avançar para projectos de análise petrográfica e isotópica de algumas das nossas melhores obras de arte marmóreas da Época Clássica e da Antiguidade Tardia, o que virá permitir o relançamento da investigação

<sup>5</sup> A. Tavares, *Matériaux de construction et de décoration*, in J. Alarcão e R. Étienne, *Fouilles de Conimbriga, I. UArchitecture*, Paris, 1977, pp. 271-276.

<sup>6</sup> J. cTEncarnação, *op. cit.*, Mapa n.º 2 da p. 850.

<sup>7</sup> J. M. Alvarez Martínez, *El puente y el urbanismo de Augusta Emérita*, Madrid, 1981, p. 31.

<sup>8</sup> S. Walker and K. Matthews, *Recent work in stable isotope analysis of white marble at the British Museum*, in J. Clayton Fant (Ed.), *Ancient marble quarrying and trade. Papers from a Colloquium held at the Anuai Meeting of the Archaeological institute of America*, San António, Texas, December, 1986, Oxford, Bar International Series 453, 1968, p. 123.

<sup>9</sup> *Idem*, p. 119.

neste campo, em colaboração estreita e interdisciplinar nas áreas científicas das Geologia, da Química, da Física, da Arqueologia e da História da Arte.

A este texto, que pretende apenas ajudar a definir um programa que permita aprofundar o conhecimento dos nossos monumentos da Antiguidade, juntamos dois pequenos quadros referentes a uma primeiríssima abordagem desta questão e baseados num levantamento de mármore utilizados em várias cidades e *Villae* romanas em Portugal, por nós observados em Museus, soltos e ainda não recolhidos ou mesmo nos locais em que sempre estiveram. Apresentamo-los meramente como modelo operativo para uma recolha de materiais esparsos que poderão progressivamente ter sentido num todo mais vasto e que deverão, por isso, ser completados no futuro num sistema signficante, profundamente esclarecido com o recurso a novos métodos de análise que a evolução da ciência nos vai disponibilizando.

**Quadro I Utilização de mármore de Estremoz - exemplos na Lusitânia**

	BRANCOS	RUIVINAS	ROSAS	VENADOS	OUTROS
ÁLAMO (Alcoutim)	Escultura de Apoio	<i>Opus sectile</i>	Decoração architect.	<i>Opus Sectile</i>	—
PISÕES (Beja)	Decoração architect	<i>Opus sectile</i>	<i>Opus sectile</i>	<i>Opus sectile</i>	—
MONTE DO PASSO (Eivas)	Decoração architect. e <i>Opus sectile</i>	Decoração architect. e <i>Opus sectile</i>	—	Decoração architect. e <i>Opus sectile</i>	—
ALFARO-FIA (Eivas)	<i>Opus sectile</i>	<i>Opus sectile</i>	Decoração architect.	—	<i>Opus sectile</i>
TRÓIA DE SETÚBAL	Decoração architect. <i>Opus sectile</i> Baixos--relevos	Decoração architect. <i>Opus sectile</i>	Decoração architect. <i>Opus sectile</i>	Decoração architect. <i>Opus sectile</i>	Decoração architect. <i>Opus sectile</i>
<i>Theatrum</i> de Olisipo	Baixo-relevo de Melpómene	<i>Opus sectile</i>	<i>Opus sectile</i>	—	Decoração architect.
CONIMBRIGA	Esculturas Decoração architect. <i>Opus sectile</i>	Decoração architect. <i>Opus sectile</i>	Decoração architect.	Decoração architect.	Decoração architect. <i>Opus sectile</i>

**Quadro II Tipos e modos de utilização de rochas ornamentais em Tróia de Setúbal**

	Decoração architect.	<i>Opus sectile</i>	<i>Opus quadratum</i>	Lápides sepulcrais	<i>Opus incertum</i>
Mármore branco de Estremoz	X	X	—	X	—
Mármore ruivina de Rio de Moinhos	—	X	—	X	—
Mármore rosado de Bencatel	—	X	—	—	—
Mármore branco venado de Pardais	—	X	—	X	—
"Mármore" de Trigaches	X	X	—	—	—
Lioz de Pêro Pinheiro	—	X	X	X	—
Brecha da Arrábida	—	—	X	—	X